

MANIFESTO SERENO- PERTURBACIONISTA

Bruno Garrote

Submetido(*submitted*): 11 de julho de 2010

Aceito(*accepted*): 01 de agosto de 2011

O nosso movimento consiste em intensificar sensações, revivê-las, afetá-las, revolvê-las... O nosso movimento não é vanguardista, não é retrógrado, não é para a esquerda nem para a direita, nem, muito menos, para a diagonal ou transgonal. Talvez ele seja uma composição de todos os movimentos para todas as direções rearranjados pelo nosso próprio desarranjo. Nosso movimento é um movimento que dança, que vai para frente, para direita, para trás, diagonal esquerda, transversal oblíqua; e depois retorna ao ponto inicial não-incipiente e continua bailando.

Dançamos em que ritmo? Ao nosso, aos nossos. Enganamos que vamos parar, mas estamos tão-somente arquitetando um passo mais audaz. Parece que vamos cair, fracassar, desistir, mas o nosso cair é um falso movimento em falso necessário e inevitável pertencente a nossa dança.

Intensificadores de nós mesmos. É isso que somos. Atacamos e investimos naquele campo em que as grandes mudanças ocorrem. Agimos sempre pensando não em nossas ações em si nem no objeto imediato que recebe nossa ação. Agimos no campo do não-dito, do não-quisto; muitas das vezes, do sentido pelo homem em seu momento obscuro, pela sua face renegada... agimos no plano do subsolo. Ainda, o que é afetar mais o subsolo senão afetar a superfície e irmos cavando?

O subsolo não se mostra tão facilmente e, para além de atacá-lo pela crosta, urge também dominarmos a técnica de atacá-lo por dentro, em uma guerra que ocorre nos sulcos.

A guerra no submundo é silenciosa. Quem tem ouvidos que ouça os gritos escaparem pelos poros das palavras.

Não se enganem por certas discussões que se auto-proclamam profundas; muitas das vezes isso é somente uma farsa valendo-se de artifícios rasos para encobrir o subsolo, deixando-o regozijar sem expô-lo. Porém, não descreiam, vez que há batalhas que, de veras, são travadas em um campo diverso, efetivamente subterrâneo. Normalmente elas se dão dentro de um só corpo forte e destemido ou, mais raramente, entre corpos digladiadores – entre profundos amantes ou intensas amizades...

Após muito observarmos, percebemos que o modo mais forte de afetar algo é por meio dos sentimentos, o que, antes de tudo, é colher informações sobre os sentimentos e traçar um discurso com base neles. Porém, que quer isso dizer? Que argumentaremos com sentimentos? Que argumentaremos sentimentalmente? Sim – em um sentido que não há como comunicar sem ser de forma sentimental – e Não – se se pensar o termo “sentimentalmente” em seu uso trivial de “argumentos sentimentais”, “emocionais”, que “apelem à emoção, ao humano, e, não à Razão”.

Não há uma cisão entre Razão e Emoção, nem “pontos conflitantes”, nem “pontos cinzentos” ou quaisquer outras expressões que

se queiram utilizar. A Razão é uma manifestação da emoção. O que ocorre é que sentimos perante a Razão uma afinidade emocional de tal modo que a Razão passa a ser um modo de sentir específico – mas, ainda assim, um modo de sentir!

Aos argumentos que “a Razão não falha, mas, sim, o homem que a aplica erroneamente” ou “a Lógica não erra, nós é que não pensamos de forma logicamente correta”, rebatemos com a crítica de que o homem nunca chegará perto de algo objetivo nem subjetivo, porquanto ele é todo devir e não conhece outra maneira de pulsar. Esse homem só “compreende” por meio de intuição, empatia, e nunca porque “restou devidamente comprovado”.

O nosso movimento resgata as emoções e recoloca o homem em contato com elas. Abrimos o homem, revolvemos suas entranhas e as entregamos de volta à sua própria mercê. Por isso o nosso movimento não será feito por todos e muito menos será considerado completamente prazeroso.

“Expurgar o homem de seu Eu, maculando-o com seus Eus”. Este deverá ser um bom mote.

Que queremos dizer com isso? Que o homem deve se “libertar”, ter “todas as experiências” e “sensações possíveis”, viver e ser várias personalidades? Só assim estará vivendo e se re-conectando com seu “Ser”? Não. Um seco Não! Fazer isso é se perder, é perder-se em si, é perder-nos nos outros. Temos de viver nossos Eus e não nos perder neles. Dar vazão a nós mesmos é justamente estarmos em contato com outros Eus que não aparecem muito. Se encararmos esse projeto como um eterno travestir de nós mesmos, não caminharemos, nem (nos) sentiremos mais profundamente. Simplesmente saltaremos de máscara em máscara.

Por mais difícil que possa parecer darmos vazão a outros Eus, “encarnarmos” outra personalidade nunca gerará a maior intensidade, o mais profundo e arrebatador sentimento, a bela estética do Sangue. Se agirmos assim, estaremos somente “trocando

de alma” sem permitir que elas se toquem. E isso é muito comum, ocorre diariamente. Passamos de um Eu para outro com grande facilidade, não permitindo que eles se perturbem. Saímos de uma aula “abstrata” para outra concreta sem nos abalarmos ou, então, sentindo muito pouco o efeito dos pensamentos de uma aula, de uma conversa, de um livro...

Discute-se filosofia sem se afetar por ela! Ou, no mais das vezes, o melhor que se consegue é ser perturbado, mas, porém, somente “durante a discussão-aula-seminário-reunião de filosofia”, somente quando o “clima é filosófico”. Pensamos e sentimos a arte somente quando estamos em um “ambiente artístico”, “próprio para tanto”. Temos de ser “pertinentes”, temos de pensar e sentir “no momento correto e adequado”. Há hora para tudo, inclusive para a diversão. “Vamos lá, temos de nos divertir, pensar, amar, sonhar agora! Depois estaremos ocupados demais. Agora é hora, tudo tem a sua hora. Não se atrasem para a diversão. Concentrem-se.”

Que quero dizer? Temos de “divertir, sonhar, amar, beber” sempre que estivermos com vontade? Agir sempre que houver uma oportunidade e um “instinto” a nos impelir? Novamente, um Não! Isso é se perder, é não sentir, é não viver a sua própria história.

Um personagem que não se lê, que não se escreve, que não se escuta, por mais intrigante que possa ser, por mais fascinante que tenha sido sua vida, não a viveu tanto quanto poderia tê-lo feito, mas simplesmente passou pela vida para que os outros pudessem, quiçá, senti-la melhor do que ele. Aprendeu a perturbação impulsiva, mas não a insubstituível serenidade caótica.

E esses outros, os “Leitores de vidas alheias”? Pensadores, “psicólogos da alma humana”, observadores; também eles devem tratar de viver e não somente viver por reflexo. Não menosprezamos tal leitura, achamos que ela serve para vivermos e revivermos; mas somente vivermos e sentiremos mais profundamente a leitura se nós também vivermos e nos identificarmos, ocorrendo, assim, uma ligação empática entre escritor e leitor.

Exaltamos a vida e a re-vida, a leitura e a re-leitura de nós mesmos. Defendemos uma vivificante patologia sereno-perturbacionista.

Não nos pergunte o que viver nem o que fazer. Provoquem sensações e lhes provocaremos. Aliás, se conseguirmos perturbar é porque vocês desejam, em pelo menos algum plano oculto, ser perturbados. Só se afeta o que pode ser afetado, só se transforma o que já, de certa forma, está transformado.

Somos sedutores por excelência e nos admitimos enquanto tais.

Falamos sobre o não-falado. Ou por entre paredes ou permeados pelo som urbano em algum local aberto ou em qualquer ambiente propício que nos estimule a estimular.

Fazemos-nos sentir de forma secreta e nossos membros agem, em sua maioria, secretamente. A força do movimento consiste em se mover veladamente, provocando, todavia, as maiores convulsões.

Assim atuamos, nós os sedutores: Caminhamos com passos altivos nas fendas corporais.

Os membros ora se reconhecem ora não. Ora se enganam que se reconhecem ora não percebem que foram enganados por outros membros. Porém, o nosso maior contingente ainda é formado por aqueles que não sabem que são membros. Sinto, aliás, que este é o propósito desse manifesto.

Assinado: *Por Aquele que rumina* – Bruno Garrote;

***Por Aquele que ulula* – Frederico Lobo.**